

História Oral e a Investigação das Histórias de Vida

Francisco de Assis de Sousa Nascimento

RESUMO

A proposta do presente texto é discutir alguns aspectos da metodologia da história oral e sua contribuição para investigação das histórias de vida, em meio às experiências de pesquisa histórica com atores sociais, na perspectiva da (re)invenção de si e da produção de subjetividades. As concepções teóricas que fundamentam o trabalho são provenientes da nova história cultural e a metodologia utilizada é resultado da pesquisa bibliográfica com a associação dos estudos de caso que privilegiam a formação docente.

PALAVRAS-CHAVE: Oralidade, Pesquisa, História, Memória, Educação.

ABSTRACT

The propose of the present text is to discuss some aspects of the oral history methodology and its contribution to inquiry the histories of life ,surrounded by the experiences of historical research with social actors, in the perspective of the self (re)invention and the production of subjectivisms. The theoretical conceptions in which this work is based are from the new cultural history and the methodology resulted in the bibliographical research associated to the study of case which highlight teachers' formation.

KEY WORDS: orality, research, history, memory, education.

INTRODUÇÃO

Na produção de pesquisas qualitativas na área de ciências humanas e da educação, constata-se atualmente um sensível alargamento das fontes, ajustando o escopo científico às múltiplas possibilidades de compreensão interdisciplinar dos fenômenos sociais, de forma mais abrangente e complexa.

As mudanças e dinamizações nas práticas de pesquisa possibilitaram a partir da segunda metade do século XX, a utilização de fontes verbais na pesquisa social, incluindo as entrevistas, fazendo uso de instrumentos tecnológicos como gravadores e filmadoras, cada vez mais sofisticados e discretos.

Com o afastamento do campo de interesse de alguns pesquisadores do modelo tradicional positivista, bem como de suas formas de pesquisa que utilizavam fontes documentais, muitas delas de difícil manejo, interpretação e capacidade de enunciar um regime de verdade que comunicasse as formas de vida de seus criadores, bem

como os contextos de produção, novas formas de pesquisa foram produzidas, novos conceitos foram incorporados e novos sujeitos tiveram suas vidas e seus fazeres incluídos na produção científica. Algumas ciências passaram a se preocupar com a totalidade da vida e com a vida de todos os sujeitos.

Novos problemas também emergiram envolvendo as questões da objetividade científica e da subjetividade, no que diz respeito ao aspecto empírico e também teórico, ou seja, na tomada de decisão a respeito do ato de conhecer, como: de que maneira o conhecimento é produzido? De que forma ocorre a interação dos sujeitos na produção do conhecimento? Como o pesquisador de ciências humanas lida com as formas de linguagem e com as representações? Na produção do conhecimento, qual a relação do saber e do poder? Na tentativa de responder a estas questões diversas reflexões são suscitadas e oferecem aos historiadores da cultura um amplo espectro de pesquisa, como desafio para que se constitua o seu campo epistemológico como “ciência dos homens no tempo” e sendo assim, “a vida, portanto a história, é múltipla em suas estruturas, em suas causas”(LE GOFF in: BLOCH, 2001, p. 32).

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa utilizou como fonte a produção bibliográfica concernente à oralidade e contribuição teórica na área de história oral como técnica/metodologia para compreensão das histórias de vida.

As histórias de vida são concebidas como fontes, não ingênuas ou aleatórias mas como resultado da experiência social, onde a subjetividade encontra sua potencialidade e sua forma de contribuição na valoração dos sujeitos e processos sociais, desenvolvidos e protagonizados em contextos específicos de formação e interação.

A literatura produzida por especialistas em história oral e histórias de vida das diversas áreas das ciências humanas foi, portanto o principal argumento para o aprofundamento na temática e o intento neste trabalho se encaminhou para resolução de algumas questões ainda não explicadas, necessitando dos fundamentos teóricos adequados para sua operacionalização.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste contexto, o primeiro elemento a ser investigado é a tentativa de promover a apreensão de uma dualidade ou uma concomitância que persiste, ou seja “a posição dupla da vida que a coloca ao mesmo tempo no exterior da história, como seu entorno biológico, e no interior da historiografia humana, penetrada por suas técnicas de saber e de poder”(FOUCAULT, 1976, p. 198).

Essa reviravolta na história e o exercício sensível do historiador lhe impulsionaram cada vez mais para, olhando o sujeito com uma visão holística e em toda sua historicidade, tentar compreender sua história de vida, e as vidas que se encontram e se comunicam numa intertextualidade ritmada e oscilante, orgânica e disforme, simples e complexa, como são todas as vidas em seus percursos históricos.

É exatamente neste contexto que poderíamos chamar de “reviravolta da história” que emerge a História Oral como metodologia e as histórias de vida como modelo para produção do conhecimento, envolvendo uma série de práticas e levando-se em conta as várias contribuições dos aportes teóricos necessários ao exercício investigativo.

Na investigação das histórias de vida com fontes verbais trabalha-se municiado por uma série de categorias, dentre as quais a memória, cuja função é compreendida por Ulpiano Meneses como:

[...]construção social, é formação de imagem necessária para os processos de constituição e reforço da identidade individual, coletiva e nacional. Não se confunde com a história, que é a forma intelectual de conhecimento, operação cognitiva.[...]a história não deve ser o duplo científico da memória, o historiador não pode abandonar sua função crítica, a memória precisa ser tratada como objeto da história.(MENESES, 1992, p.42)

A história oral, enquanto metodologia acompanhou a mudança no ritmo da história, adquirindo no transcorrer do tempo sua legitimidade e suas bases de teóricas. Novas reflexões continuam sendo realizadas, o que legitima o seu caráter dinâmico e sistemático, acompanhando as transformações e mudanças no tempo.

Na tentativa de compreender a História Oral, pode-se conceituá-la como sendo, uma metodologia de pesquisa e de documentação de fontes para estudo da história contemporânea. Para Pollak (1989) “a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõe a ‘memória oficial’”.

A História Oral lida constantemente com os discursos e com as histórias de vida, de diversas categorias, além de valorizar seus relatos gravados e transcritos, também possibilita uma aproximação do pesquisador com seus entrevistados, podendo criar vínculos afetivos, desenvolver novos saberes, construir juntos a experiência da produção do conhecimento, na qual, atores sociais se inventam e se constituem numa prática reflexiológica e dialógica.

Essa metodologia também possui uma história. A História Oral surgiu a partir da invenção do gravador e da fita magnética de áudio em 1948. Seus criadores foram Allan Nevis e Louis Starr, da Universidade de Columbia.

Ao longo dos anos, com o surgimento e aperfeiçoamento das novas tecnologias a História Oral também foi se desenvolvendo e sendo incorporada nos programas de pesquisa de história e de outras ciências sociais.

Na década de 1960, paralelamente ao aperfeiçoamento do gravador portátil, tornaram-se freqüentes também as entrevistas de histórias de vida, com membros de grupos sociais que, em geral, não deixavam registros escritos de suas experiências e formas de ver o mundo. Foi a fase conhecida como da história oral militante, praticada por pesquisadores que identificavam na nova metodologia uma solução para “dar voz” às minorias e possibilitar a existência de uma História “vinda de baixo”. (ALBERTI, 2005, p. 153)

A prática de pesquisa histórica com a história oral possibilita uma reconstrução da memória num processo de rearranjo e negociação, em que entrevistador e entrevistado lidam com a memória. A memória assume assim, uma posição central no trabalho investigativo, pois ela “é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentido de unidade, de continuidade e de coerência -isto é, de identidade”.(ALBERTI, 2005, p.157).

Uma segunda categoria que merece ser problematizada é a identidade ou as identidades, pois durante um relato de vida pessoal ou em certas fases no decurso de uma entrevista as vivências pessoais são apresentadas de forma reflexiva e oferecem caminhos para novas compreensões de seus processos identitários e de suas realidades.

Quanto a essa complexa e controversa questão da identidade, assim afirma Stuart Hall:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no

interior do jogo de modalidades específicas de poder [...] (HALL, in SILVA, 2003, p. 109)

Com a preocupação direcionada para compreensão das histórias de vidas dos indivíduos, dando vazão à história de grupos desprestigiados da história oficial, como as mulheres, os excluídos, os loucos, as crianças etc e outras “minorias” reclusas na penumbra da memória, a história oral abre um espectro de percepção de subjetividades e dialoga com outras ciências, como antropologia, a sociologia, a lingüística, a psicologia, existem aqueles pesquisadores mais audazes que procuram explicações, inclusive, na física quântica, visando com isso, compreender a vida humana em seus aspectos mais minuciosos.

A inovação do conhecimento histórico nas histórias de vida está na abordagem, preocupada com a construção/reconstrução de discursos, nas maneiras de pensar, sentir e agir, indicadas pelas entrevistas e produzidas conjuntamente pelo entrevistador e entrevistado diante das motivações de pesquisador que permitem vivenciar momentos de invenção de si e da realidade.

A história oral por privilegiar atores marginais e inovar sua abordagem é considerada uma história vista de baixo, por juntarem testemunhos a partir de arquivos e depoimentos orais não oficiais e ainda não contidos em sua concepção majoritária. Neste sentido, se almeja a produção de uma historiografia que inter-relacione os indícios históricos e as histórias de vida.

Segundo Mercedes Vilanova, existe uma distinção clara entre as fontes escritas e orais, mas suas peculiaridades devem construir para produção de uma história útil e bem feita:

As fontes orais são intrinsecamente diferentes das fontes escritas, mas são do mesmo modo úteis. Quero sublinhar a palavra útil por que a história tem de servir para alguma coisa. E eu venho falar, não da história oral, mas de uma história bem feita, uma história que seja útil. E estamos convencidos de que essa história bem feita, sem fontes orais é uma história incompleta. (VILANOVA, 1994, p. 46)

Esse tem sido um consenso entre muitos pesquisadores das ciências sociais, que consideram toda fonte, seja ela oral ou escrita como incompleta, parcial, limitada e que reflete a compreensão e as intenções de um sujeito a partir de um lugar social e uma conjuntura histórica que muito influencia e condiciona.

Toda pesquisa historiográfica é articulada a partir de um lugar de produção sócio-econômica, político e cultural. Implica um meio de elaboração circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de estudo ou de sino, uma categoria de letrados (CERTEAU, 1979, p.18).

Na investigação das histórias de vida utilizando a metodologia da história oral se inicia com um conjunto de procedimentos. O primeiro passo é a produção de um projeto de pesquisa, com todos os seus elementos, inclusive explicitando na metodologia que se deseja trabalhar com a história oral. Após a produção do projeto será definido o universo de entrevistados, de pessoas que tenham informações acerca do objeto que se está investigando, concebendo suas memórias como fontes.

A organização do material eletrônico é fundamental, testando inicialmente todos os equipamentos antes da realização das entrevistas.

Os contatos prévios com os possíveis entrevistados podem evitar surpresas inesperadas e facilitar a elaboração dos questionários. Em se tratando das histórias de vida, embora a comunicação deva ser livre e fluída, é necessário evitar que haja subterfúgios, inversão dos papéis de entrevistador e entrevistado, organização do espaço da entrevista, evitando ruídos e demais variáveis intervenientes que prejudiquem as gravações. Além disso:

Há algumas qualidades essenciais que o entrevistador bem-sucedido deve possuir: interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar. (THOMPSON, 1992, p. 254).

O próximo passo após as entrevistas são as transcrições, momento privilegiado para os pesquisadores revisarem as entrevistas e internalizar as informações. As transcrições precisam atender ao princípio de rigor e zelo quanto ao depoimento dado. Após as transcrições, os textos devem ser conduzidos para seus depoentes, para que após a sua leitura pela entrevistado lhe seja concedida uma carta de autorização para utilização em pesquisas, como fonte histórica.

Considerando as entrevistas como a produção conjunta de dois atores sociais em interação, é fundamental dispor de tempo e contatos prévios suficientes para possibilitar uma relação de confiança e empatia mútua. Um roteiro básico para a entrevista também deverá ser previamente preparado pelo pesquisador, de acordo com a proposta do projeto, de forma discreta e evitando os formalismos exagerados da academia para não criar um clima de distanciamento formal na realização da pesquisa.

Para facilitar a entrevista e administrar bem o tempo, evitando o cansaço do pesquisador e do entrevistado é necessária a elaboração de um bom instrumento,

de um bom roteiro, com questões precisas, diretas e claras, com a uma certa estrutura lógica entre as questões e um esquema que facilite a espontaneidade nos depoimentos. Embora nas histórias de vida deva-se primar pela vontade da pessoa em querer narrar a si mesma e constituir-se pela linguagem, podem acontecer relatos em que sejam comentadas situações que distanciam o foco da investigação.

A função do roteiro é auxiliar o entrevistador, no momento da entrevista, a localizar, no tempo, e a situar, com relação ao tema investigado, os assuntos tratados pelo entrevistado. Por essa razão, é bom organizar os dados de forma tópica, para facilitar sua visualização no mento da gravação (ALBERTI, 2005, p.177).

Na História Oral a técnica e as habilidades são indispensáveis. Por isso, ela deve obedecer a um conjunto de normas e de etapas nas diversas fases da sua realização. O caminho percorrido pelo investigador deve ser apresentado no relatório da pesquisa, quando se tratarem de pesquisas realizadas com a finalidade de produção de dissertações ou teses, ou ainda financiados por programas de fomento à pesquisa. O relatório pode ser um texto reflexivo que também pode está contido no caderno de notas, onde poderão está registradas suas principais impressões e uma ligeira teorização sobre o objeto.

Ao entrevistado é oportunizada uma reflexão acerca de uma nova consciência de si próprio, de uma construção e reconstrução articulada por necessidade de uma coerência interior, pela reflexão que se faz sobre suas próprias condutas, que emerge graças a realizações em suportes específicos (imagens e palavras) dessa consciência nova de si, pode nascer uma invenção identitária capaz dar sentido à sua vida, às suas ações e reações. Assim o trabalho com as histórias de vida permite criar um discurso que, ao se fazer, inventa a parte original de uma determinada identidade de pesquisador de sujeito histórico.

A invenção de si pressupõe como possível um projeto de si, o que implica uma conquista progressiva e jamais terminada de uma autonomia de ação, de uma autonomia de pensamento, de uma autonomia em nossas escolhas de vida e nosso modo de vida. A invenção de si é posição existencial que se desdobra no cotidiano e não somente em situações em contextos particulares, Ela concerne a todos as esferas da nossa existência, desde as roupas que usamos e todas as escolhas que fazemos (JOSSO, 2006, p. 12).

Assim na investigação das histórias de vida, tendo como referência o paradigma singular plural, que circunscreve a pessoa em sua historicidade, como sujeito de suas experiências sociais, possibilitado pela compreensão da sua

trajetória de vida, reconstruída pela ação da memória, tendo metodologia a história oral.

As histórias de vida correspondem à investigação de toda a experiência de vida de um indivíduo, corresponde na História ao relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, com a intermediação de um pesquisador. É um trabalho coletivo de um narrador sujeito e de um intérprete.

As entrevistas de histórias de vida têm como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimento e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou. Pode-se dizer que a entrevista de história de vida contém, em seu interior, diversas entrevistas temáticas, já que, ao longo da narrativa da trajetória de vida, os temas relevantes para a pesquisa são aprofundados (ALBERTI, 2005, p.175).

No trabalho do pesquisador as histórias de vida possibilitam infinitas possibilidades, pois as histórias de vida podem oportunizar recorrências, o pesquisador pode explorar as relações da história individual com o contexto social, permitindo, como nenhuma outra técnica, apreender a influência mediadora dos pais, dos grupos de vizinhança, da escola e de outros grupos primários.

No trabalho com as histórias de vida, o pesquisador produz uma construção, considerada “confiável” e segura. Nessa experiência é necessário que pesquisador e o entrevistado tenham uma relação de respeito e co-responsabilidade, para que o entrevistado possa se sentir a vontade, relatar suas experiências e rememorar suas vivências pessoais e sociais.

A metodologia da História Oral, como sistematizadora de narrativas e articuladora da linguagem com a experiência social do indivíduo representa uma das formas como o sujeito se compreende, como analisa sua imagem e como almeja ser reconhecido por outras pessoas.

As entrevistas das histórias de vida possibilitam ao narrador uma construção livre da sua identidade e sua representação social. Pelas entrevistas as histórias de vidas na perspectiva da “invenção de si mesmo” são suturadas em torno da dimensão temporal.

O tempo se caracteriza por ser uma com-posição de recorrências e analogias. A sua nota principal é a reversibilidade. Reversibilidade que é estrutural, pois abraça retornos internos. E reversibilidade que é histórica, pois as suas formas voltam e se transmitem de geração a geração. É uma lógica que parece reproduzir os movimentos cíclicos do corpo e da natureza (BOSI, 1992 p. 27).

Durante as investigações das histórias de vida é importante primar por certos cuidados que integram o ofício do historiador ao utilizar a metodologia da história oral, em relação aos depoimentos a forma de concebê-los com fontes.

Em se tratando das histórias de vida são muitas as tarefas do pesquisador: alertar para os elementos de invenção, de aproximação ou fantasia que ronda toda narrativa e, antes de pedir que acreditemos nos fatos relatados palavra por palavra, deve nos propiciar a chave que transforma o documento cru em uma fonte histórica, explicitando por que razões a plausibilidade é atribuída a uma parte da história de vida, antes que sua autenticidade possa ser apreciada (PEREIRA, 2002, p. 126).

Após a realização das entrevistas o pesquisador poderá solicitar o registro fotográfico do entrevistado ou da entrevistada e caso seja concedido, a fotografia poderá auxiliar na produção histórica. A historiadora Ana Maria Mauad coloca o relato oral e a fotografia numa situação de complementaridade e interação, contribuindo para compreensão do período histórico.

O relato oral pode ser utilizado como apoio à interpretação de fotografias, no entanto, a idéia de apoio coloca o relato oral num plano secundário em relação à imagem, quando ambos, na verdade, possuem uma realidade autônoma e complementar. Vale à pena, portanto, a montagem de dois "corpus" documentais que, ao entrecruzarem, comporiam a textualidade de uma determinada época. (MAUAD, 1997, p. 203).

Na pesquisa em história oral, a questão da interação e confiança entre entrevistador e entrevistado soma-se às variáveis de tempo e lugar. Estes são os elementos que permeiam e condicionam a pesquisa oral e todo o seu universo, no qual os atores históricos interessados em uma temática comporão seus próprios arquivos, construirão conhecimentos e socializarão experiências. Assim, a dialética do encontro e elaboração da pesquisa envolvendo sujeitos plurais realizará sua função pedagógica de transformar os pesquisadores em produtores do processo histórico a serviço da humanidade e da humanização dos indivíduos.

A experiência de pesquisa na perspectiva da invenção de si possibilita uma contribuição à investigação da formação de professores em seus contextos formativos e suas práticas educacionais, valorizando suas memórias e buscando compreender a experiência social que alimentou a construção de suas concepções, processos identitários, crenças e valores.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. in: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.) *Fontes Histórias*. São Paulo: Contexto, 2005.

BOSI, Alfredo. O tempo e os tempos. in: NOVAES, Adauto.(org). *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CERTEAU, Michel de. A Operação histórica. in: LE GOFF, Jacques. *História: novos problemas*. (org). 2. ed. Rio de Janeiro: F. Alves. 1979.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? in: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

JOSSO, Mary-Cristine. Prefácio.in: SOUZA, Elizeu Clementino de. (org). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre, 2006.

LE GOFF, Jacques. in: BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2001, p. 32.

MAUAD, Ana Maria. História, iconografia e memória. in: SIMSON, Olga Rodrigues de M. Von. (org). *Os desafios contemporâneos da história oral*. Campinas: CMU/Unicamp, 1997.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A história, cativa da memória? in: *Revista Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 34, p.9-24, 1992.

PEREIRA, Lúgia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. in *Revista Brasileira de História Oral*, São Paulo: n. 3, jun. 2000.

POLLAK, Memória, Esquecimento, Silêncio. in: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2. n. 3. 1989.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Trad. Lolio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VILANOVA, Mercedes. Pensar a subjetividade – estatísticas e fontes orais. in: FERREIRA, Marieta. (org). *História Oral*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.